

## A formação dos licenciados em educação física por meio do Pibid: Saberes adquiridos e construídos

Ivan W. Tertuliano  
Rubens Oliveira da Silva  
Ledimar Brianezi

**Como citar:** TERTULIANO, I. W.; SILVA, R. O.; BRIANEZI, L.; A formação dos licenciados em educação em educação física por meio do Pibid: Saberes adquiridos e construídos. *In* : SHÄFFER, A. M. M.; KELLER-FRANCO, E.; SALES, G. G. P. S.; CASTRO, R. M. **Experiências docentes** : projetos formativos no Pibid e Residência Pedagógica. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p.129-150 DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-322-8.p129-150>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



## CAPÍTULO 9

# **A formação dos licenciandos em educação física por meio do Pibid: saberes adquiridos e construídos**

Ivan W. Tertuliano

Rubens Oliveira da Silva

Ledimar Brianezi

Considerando que a formação do licenciando em Educação Física deve ter um caráter generalista, humanista e crítico, pautada em uma formação para que a ação profissional evidencie sólida fundamentação pedagógica científica, reflexão filosófica e conduta ética, o projeto Pibid, subprojeto de Educação Física do Unasp, com a equipe de São Paulo, promoveu ações que permitiram aos bolsistas analisar criticamente a realidade social, compreendendo o processo educacional para solucionar problemas e intervir na sociedade.

Para isso, o subprojeto apoiou-se em aspectos de pedagogia dos esportes e do movimento humano para educação no ensino básico, respeitando o edital Capes nº 7/2018 – Pibid, que sugere o destaque de atuação prática da educação física nesse período educacional e acha-se em consonância com o decreto de lei n. 7.219 que cria o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), que propõe a articulação entre as escolas da rede pública de educação básica e as IES (FELÍCIO, 2014).

Diante disso, o subprojeto de Educação Física (EF) buscou conduzir o bolsista a uma ampla reflexão crítica sobre esses diferentes discursos presentes na sociedade (PI-MENTA, 2012), a fim de que os discentes da escola campo possam agir autonomamente quando decidirem, dentro ou fora da escola e ao longo da vida, usufruir de práticas corporais a partir de seus objetivos particulares como o lazer, a promoção da saúde, a melhoria da aptidão física, a socialização e o bem-estar (NASCIMENTO, 2017), entre outros. Assim, o subprojeto buscou inserir os bolsistas no campo-escola, visando à formação do senso prático, sensibilidade de relacionamento, ao entendimento e sentimento para com sua responsabilidade social aliada a um olhar crítico.

## Bases legais para construção do subprojeto de Educação Física

A partir da resolução CNE/CP no 1, de 18 de fevereiro de 2002 e da resolução CNE/CES no 7, de 31 de março de 2004, as competências e habilidades dos egressos em Educação Física devem ser contextualizadas de acordo com as especificidades de cada etapa e modalidade da educação básica, propiciando a inserção desses no debate contemporâneo mais amplo, ao envolver questões culturais, sociais, econômicas, conhecimento sobre o desenvolvimento humano e a própria docência. Tais competências e habilidades devem também abranger as dimensões político-social, ético-moral, técnico-profissional e científica, considerando que a intervenção dos profissionais pressupõe a mediação com seres humanos historicamente situados.

Textualmente, a resolução CNE/CE no 7, de 31 de março de 2004 declara que:

a visão de competência deve ser compreendida além das dimensões do fazer, do saber fazer ou do saber intervir. O pressuposto dessas diretrizes identifica-se com uma concepção de currículo compreendido como processo de formação da competência humana histórica. Sendo assim, competência é, sobretudo, a condição de refazer permanentemente nossa relação com a sociedade e a natureza, usando como instrumento o conhecimento inovador de perspectiva emancipadora.

Além disso, compreende-se que a educação física escolar é o componente curricular que, na escola, tem como objeto de estudo e ensino a cultura corporal de movimento, cultura essa expressa em diferentes manifestações corporais elaboradas pelo ser humano como: jogo e brincadeira, atividades rítmicas e expressivas, além da dança, do esporte, da luta, da ginástica, entre outras (SILVEIRA, 2017).

Assim, como Betti (1992, p. 285) afirma, cabe à educação física escolar: “[...] integrar e introduzir o aluno [...] no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica) [...]”.

Esses conteúdos tradicionais, atualmente, adquirem diferentes contornos, principalmente quando relacionados a diferentes discursos, valores, significados. Por exemplo: a prática da atividade/exercício físico como culto à beleza, os diferentes padrões da relação entre trabalho e lazer, e as questões relacionadas à saúde e sua promoção na busca de uma melhor qualidade de vida.

Diante desse cenário, é fundamental que os futuros professores (bolsistas Pibid, neste caso), dominem os fundamentos da educação física na escola, principalmente os seus objetivos, conteúdos, as estratégias de ensino e processos de avaliação, para

desenvolver uma atuação condizente com as necessidades sociais da população (DARIDO; RANGEL, 2005).

Esse domínio é imprescindível, pois os alunos podem, de posse dele, atribuir sentidos e objetivos, realizando ações para o componente da educação física, não se limitando àquilo que a área construiu e defende atualmente para esse componente na escola (FERREIRA, 2009). Dentre os diferentes valores e significados atribuídos por essas diferentes esferas da sociedade estão:

- a perspectiva da educação física como componente responsável pela melhoria da aptidão física e do desempenho esportivo dos alunos, no sentido do esporte de rendimento e de alto rendimento;
- a educação física como recreação e lazer oferecidos aos alunos para passar o tempo ou recuperar as energias gastas nas atividades pedagógicas desenvolvidas por outros componentes curriculares como língua portuguesa, matemática, geografia etc.;
- a educação física como o componente curricular responsável pela organização de eventos e festividades na escola;
- a educação física como componente curricular restrito à identificação de talentos esportivos e à promoção do desporto em campeonatos.

A ênfase na aptidão física e em outras concepções de papel didático-pedagógico para a educação física na escola, como as relacionadas acima, ainda estão, infelizmente, muito presentes nas escolas públicas, e acabam contribuindo para uma visão de mundo desigual, individualista, estereotipada e exageradamente competitiva, característica da sociedade e do homem atuais (SILVEIRA, 2017).

Para transformar esta realidade, é preciso ampliar a visão que os alunos têm sobre a disciplina educação física, e que sejam capazes de analisar criticamente o mundo que os cerca. Isto somente será possível com uma consistente fundamentação sobre o papel da educação física na escola, aliada a um cuidadoso planejamento de conteúdos, estratégias de ensino e processos de avaliação, que conduzam os alunos a uma reflexão mais profunda das questões apresentadas, culminando no seguinte: (1) a revisão do papel da educação física como componente curricular; (2) o entendimento de sua finalidade na escola; (3) seu objeto de ensino; (4) seus objetivos de ensino; (5) os conteúdos específicos da disciplina; (6) reflexão sobre a necessidade de transformações da prática pedagógica dos docentes; (7) a reflexão sobre a transformação na relação docente e discente e desses

com o conhecimento específico da educação física escolar; e (8) os processos de avaliação, entre outros impactos.

Por conta disso, o presente subprojeto atuou com ações que oferecessem aos bolsistas Pibid um conjunto de experiências teórico-práticas relacionadas ao objeto de ensino deste componente curricular na escola, à cultura corporal de movimento, seus conteúdos (jogo; esportes coletivos, individuais e de aventura; atividades rítmicas e expressivas; ginásticas e temas contemporâneos como a promoção da saúde; a relação entre as diferentes práticas corporais e os padrões de beleza; os cuidados com o corpo, aspectos sobre treinamento físico-esportivo e o lazer) e objetivos de ensino como inserção, usufruto, crítica e transformação das manifestações corporais da cultura corporal de movimento pelos alunos da educação básica. O subprojeto também atuou frente às estratégias didático-pedagógicas e a processos de avaliações, em consonância com todo o processo de renovação da área proporcionada nas últimas décadas.

## **A construção de experiências teórico-práticas no subprojeto de Educação Física**

O subprojeto, respeitando as práxis dos PCN e da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), fez com que os bolsistas se aproximassem da realidade do sistema de ensino. Essa ação permitiu que os bolsistas atuassem, percebessem e compreendessem o processo de ensino-aprendizagem.

Como o subprojeto ocorreu em uma escola estadual (rede pública de ensino), alguns processos foram respeitados para não ferir eticamente o papel do Pibid junto à escola. Todas as escolas do Estado de São Paulo devem seguir um documento oficial, elaborado pela secretaria estadual de ensino, que é denominado currículo paulista. Esse documento oferece orientações didático-pedagógicas para os professores que atuam nas escolas estaduais (rede pública) desde o ensino infantil, e em cada componente que integra o ensino fundamental, ou seja, o currículo paulista oferece orientações básicas para o trabalho dos professores no dia a dia na escola.

Assim, assumindo o apontado acerca do currículo paulista e os postulados sobre a educação física escolar, o subprojeto de educação física realizado na cidade de São Paulo, atuou de forma a complementar com propostas didáticas as aulas que o professor supervisor (professor da rede) ministrava junto aos alunos da escola. Para isso, o subprojeto optou por acompanhar um período letivo, o vespertino. Nesse período, a maior parte dos alunos eram de 6º ano do ensino fundamental II e, assim, as propostas foram desenvolvidas para auxiliar e complementar as atividades do professor de educação física junto a essas turmas.

Enquanto estratégias, as propostas tiveram como objetivo o ensino das práticas corporais preconizadas pelo currículo paulista, por meio de jogos e brincadeiras que

conduzam, em seu âmago, a cultura corporal de movimento. Outros objetivos também permearam a construção das propostas didáticas, as quais se encontram no subprojeto de Educação Física do Pibid (Projeto Institucional, 2018/2019, p. 17) :

- Oferecer conhecimentos que permitam um ensino comprometido com qualidade, preocupado em formar cidadãos solidários, críticos, responsáveis e reflexivos;
- Construir a conscientização do papel e da responsabilidade social da educação física no âmbito educacional, do comprometimento de sua atuação como multiplicadores do saber, compreendendo e buscando alinhar a prática profissional ao que propõe os referenciais curriculares nacionais, estaduais, municipais, obras de referência na área e os valores bíblico-cristãos;
- Oferecer experiências teórico-práticas que possibilitem a compreensão da necessidade de ampliar o universo de experimentações e conhecimentos a serem proporcionados aos alunos da educação física escolar na educação básica, a fim de que os mesmos possam conhecer, usufruir, criticar e transformar as diferentes manifestações corporais da cultura corporal de movimento dentro e fora do âmbito escolar;
- Oferecer a compreensão do papel da educação física escolar como componente de ensino que possui especificidade, conteúdos, objetivos, métodos de ensino e processo de avaliação que atribui legitimidade no âmbito escolar;
- Oferecer discussão, reflexão, experiências teórico-práticas que demonstrem a necessidade de uma atuação profissional que proporcione uma constante relação entre os conteúdos tradicionais da EF (jogos; esportes coletivos, individuais e de aventura; atividades rítmicas e expressivas e as ginásticas) e temas contemporâneos presentes na sociedade como: corpo e suas dimensões biológicas, históricas e culturais; promoção da saúde; padrões de beleza e consumo; doenças advindas do sedentarismo e de problemas com a imagem corporal, entre outros;
- Oferecer experiências teórico-práticas para proporcionar a inclusão nas aulas de educação física escolar e a reflexão sobre práticas pedagógicas que, ao longo da história da educação física promoveram e ainda promovem a exclusão, seja por gênero, raça e nível de conhecimento prático das diferentes manifestações corporais da cultura corporal de movimento;
- Instrumentalizar para desenvolver autônoma e criticamente planos de ensino e de aulas sobre os conteúdos da cultura corporal de movimento, levando-se em consideração objetivos, habilidades e competências previstas nos documentos de referência da educação básica.

Para que todos os objetivos fossem alcançados, os bolsistas, o coordenador de subprojeto e supervisor de subprojeto (professor da escola) se encontravam semanalmente para reuniões acerca dos conteúdos que seriam desenvolvidos, bem como para elaboração dos planos de aula. Nesses encontros, observava-se o conteúdo previsto pelo currículo paulista e, com base nele, elaboravam-se as propostas pedagógicas (planos de aula) que seriam desenvolvidas na escola (*in loco*), na semana seguinte. Para construção dos planos de aula, os alunos bolsistas consultavam referenciais teóricos como livros e artigos, bem como sites de confederações e federações esportivas quando necessário, tendo o intuito de compreender as regras da modalidade esportiva. Cabe apontar que todos os planos de aula (desenvolvidos em aula) eram aplicados com a supervisão do professor da aula, que era o supervisor do subprojeto, e a participação dos alunos bolsistas, os quais auxiliavam o professor supervisor na condução das aulas.

## **A construção e aplicação dos planos de aula do subprojeto de Educação Física**

Como apontado acima, as propostas tiveram como objetivo o ensino das práticas corporais orientadas pelo currículo paulista por meio de jogos e brincadeiras. O uso de jogos e brincadeiras teve suporte teórico no denominado método global, o qual é apontado pela literatura como um método de ensino possível (GALATTI et al., 2012).

Dietrich, Dürrwächter e Schaller (1984, p. 32) caracterizam o método global como “[...] a criação de cursos de jogos, que partem da simplificação dos jogos esportivos formais [...] de acordo com a idade, e, através de um aumento de dificuldades na apresentação dos jogos, em direção ao jogo final”. Com base nesse método, Galatti et al. (2012, p. 89) destacam possíveis estratégias didático-pedagógicas que viabilizem o processo de ensino-aprendizagem, sendo:

4. Brincadeiras e jogos: atividades e jogos que fazem parte da cultura popular infantil, mas com aproximação para a modalidade, sendo incorporados movimentos e a bola, sobretudo a de basquetebol.
5. Situações de jogo: são simulações próximas do jogo formal, com ou sem adaptação das regras, mas em situação reduzida ou ampliada de jogadores e espaço, sendo as mais comuns o 1x1, 2x2, 3x3, 4x4, 2x1, 3x2, 4x35.
6. Jogos pré-desportivos: jogos com a presença de ao menos duas equipes e alvo(s) para defender e atacar, dentro de espaço e regras preestabelecidas.

Somado ao exposto, a literatura defende que o uso do método global é mais adequado para o processo de ensino-aprendizagem, pois contempla atividades que visam à solução de problemas motores sem o uso de atividades estereotipadas e repetitivas,

como ocorre no método analítico (DIETRICH; DÜRRWÄCHTER; SCHALLER, 1984; FERREIRA; GALATTI; PAES, 2005; GALATTI et al., 2012; GRECO, 2001), justificando o uso de jogos e brincadeiras como estratégia de ensino-aprendizagem. Além disso, em todos os planos de aula eram separados momentos de aula para diálogo e reflexão acerca do conteúdo, os quais tinham como objetivo conduzir os alunos à reflexão sobre os conteúdos, com a intenção de atender aos objetivos complementares do subprojeto, conforme citados acima.

Retomando, os alunos atuavam na elaboração de planos de aula durante as reuniões semanais, sempre na presença do coordenador e do supervisor do subprojeto, para posterior desenvolvimento do plano de aulas junto aos alunos do 6º ano do ensino fundamental II. Durante a aplicação do plano de aula, o professor supervisor do Pibid assumia o desenvolvimento das aulas, em todo o tempo acompanhado pelos bolsistas que, muitas vezes, exerciam a função de regentes nas aulas. Em síntese, durante a aplicação dos planos de aula, os bolsistas atuavam como auxiliares do professor supervisor e, em algumas vezes, regentes de alguns.

Como forma de exemplificar esse processo, trouxemos o caso do 6º ano do ensino fundamental II, período letivo em que o subprojeto atuou. O currículo paulista estabelece que as aulas de educação física para a série em questão devem atender aos seguintes objetos de conhecimento: jogos eletrônicos; esportes: de marca, de precisão, de invasão e técnicos-combinatórios; esportes paralímpicos; ginástica de condicionamento físico; danças urbanas; lutas do Brasil; práticas corporais de aventura urbanas; corpo e movimento. Esses objetos de conhecimento têm o intuito de conduzir os alunos à aquisição de inúmeras habilidades, cujos objetivos concernentes a conhecimento e a habilidades estão pautadas na BNCC (BRASIL, 2018).

Não é intenção deste capítulo apresentar todos os planos de aula, mas algumas das propostas que o subprojeto de Educação Física elaborou e aplicou durante as aulas do 6º ano do ensino fundamental II, aulas que ocorreram em uma escola da periferia da cidade de São Paulo. Antes de apresentá-los, é oportuno dizer que durante os dezoito meses do Pibid, foram elaborados e desenvolvidos em aula cerca de setenta planos de aula, todos alinhados aos objetos de conhecimento propostos no currículo paulista.

Assim, assumindo os objetos de conhecimento do 6º ano, apresentaremos alguns dos planos de aula que foram elaborados e desenvolvidos em aula, com o intuito de apresentar o resultado final das reuniões para elaboração desses planos. A fim de organizar o conteúdo, os planos serão apresentados de forma a separá-los por objeto de conhecimento (ver os quatro exemplos abaixo). Para elaboração dos planos de aula, optou-se por organizá-los durante o Pibid em forma de formulário, por considerá-lo mais adequado para a compreensão, com base nos modelos propostos por Libâneo (2018) e Campos (2011).



**Quadro 1 - Plano 1**

<b>Disciplina: educação física</b>	<b>Objeto de conhecimento: esportes de marca</b>	<b>50 min</b>	<b>Turma: 6º ano</b>	<b>Data: xx/xx/2019</b>
<b>Objetivos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Sequência didática</b>	<b>Material</b>	<b>12/09 – 19/09 45 minutos</b>
<p>1. Vivenciar as corridas do atletismo (velocidade, meio fundo e fundo).</p> <p>2. Vivenciar as diferentes formas de saída do atletismo (saída alta e saída baixa).</p> <p>3. Estimular a discussão a respeito das corridas do atletismo.</p> <p>4. Trabalhar os elementos centrais das saídas baixas e altas, fazendo com que o grupo compreenda suas diferenças.</p>	<p>- Corridas do atletismo: velocidade, meio fundo e fundo;</p> <p>- Saída baixa;</p> <p>- Saída alta.</p>	<p>1. Parte inicial: pega-pega dos animais: os alunos serão divididos em três grupos. Os grupos deverão escolher um animal para representar a sua equipe. Teremos quatro quadrados ao longo da quadra, cada grupo ficará dentro de um desses quadrados, mas sempre teremos um quadrado vazio. Escolher-se-á uma dupla para ser a pegadora. Quando o professor chamar um animal, a equipe que corresponde a esse animal, deverá correr para o quadrado que estiver sobrando. A saída do quadrado deverá ocorrer agachada (saída baixa). Obs.: aqueles que forem pegos deverão ficar agachados parados no lugar. A cada rodada, ao sinal do professor, os alunos que foram pegos tentam ocupar um quadrado vazio. A dupla pegadora tem o objetivo de pegar todos.</p>	<p>- Caixa de giz;</p> <p>- Coletes.</p>	<p>Diálogo com os alunos para verificar se compreenderam as diferentes corridas (distâncias) e saídas trabalhadas em aula.</p> <p>Diálogo com os alunos para verificar quais foram as estratégias utilizadas para realização das tarefas.</p>
		<p>2. Parte principal: coelho sai da toca: a quadra será dividida em duas grandes áreas. As duas grandes áreas da quadra são as tocas, e serão escolhidos cerca de dois pegadores que ficarão com coletes. Ao sinal do professor, os coelhos deverão trocar de toca sem serem pegos pelos pegadores. Aqueles que forem pegos deverão ficar no lugar dos pegadores. Variações: diferentes formas de sair da toca (sentado, agachado ou em pé).</p>		

		<p>Corrida com saída sentada: o professor desenhará na quadra algumas raia de atletismo utilizando giz. Podem ser utilizados outros tipos de materiais como fita adesiva, cordas, cones ou sinalizadores. Cada raia deverá ser ocupada por uma equipe de até quatro alunos. Todos os alunos serão postos sentados ao final da raia. No sinal do professor, um aluno de cada equipe deverá se levantar e correr o mais rápido possível até o final da raia. Ao chegar ao final, ele deverá falar em voz alta o nome do próximo colega da equipe que, por sua vez, deverá levantar e sair correndo, repetindo a tarefa. A tarefa conclui quando todos da equipe correrem até o outro lado da raia. Vence a equipe que concluir primeiro o trajeto, ganhando cinco pontos. A tarefa permanecerá até uma das equipes somar vinte pontos. Variação: aumentar a distância percorrida a cada rodada, estimulando as ações com corridas de velocidade, de meio fundo e de fundo.</p> <p>Corrida com saída em pé: Idem, porém a saída será com os alunos na posição em pé.</p> <p>Corrida com saída baixa: Idem, porém a saída será com os alunos na posição de saída baixa (saída do atletismo).</p>		
		<p>3. Parte final: discussão e reflexão sobre o conteúdo vivenciado no dia.</p>		

**Fonte: adaptado de Matthiesen (2009; 2017).**

**Quadro 2 - Plano 2**

<b>Disciplina: educação física</b>	<b>Objeto de conhecimento: esportes de marca</b>	<b>50 min</b>	<b>Turma: 6º ano</b>	<b>Data: xx/xx/2019</b>
<b>Objetivos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Sequência didática</b>	<b>Material</b>	<b>12/09 – 19/09 45 minutos</b>
<p>1. Introduzir o aluno na prática da modalidade bocha.</p> <p>2. Aprender as diferentes possibilidades de arremessos da bocha.</p> <p>3. Conhecer as regras do jogo de bocha.</p>	<p>- Arremessos da bocha: Ponto (Point), Bocha carregada (Portée), "Bochada" (Tir). - Regras da bocha.</p>	<p>1. Parte inicial: Arremesso de bola ao alvo: serão formados grupos com até três alunos. Cada aluno terá uma bola (bola de tênis), e o grupo terá um alvo (bambolê). Os alunos do grupo deverão arremessar a bola com o objetivo de fazer a bola parar dentro do bambolê. O alvo será colocado a uma distância de aproximadamente 2m. Variação: aumentar a distância do alvo; misturar os grupos; trocar a bola de tênis por uma bola de borracha.</p> <p>2. Parte principal: Arremesso de bola o mais próximo do alvo: idem, porém o bambolê será substituído por uma bola de futsal; os alunos terão que arremessar as bolas com o objetivo de parar o mais próximo do alvo, sem tocá-lo. O alvo será colocado a uma distância de aproximadamente 2m. Durante a prática, o professor continuará a introdução e explicação das regras do jogo. Variação: aumentar a distância do alvo; misturar os grupos; trocar a bola de tênis por uma bola de borracha; introduzir diferentes tipos de arremessos: mão dominante, mão não dominante, arremesso rasteiro, arremesso em parábola etc.</p>	<p>50 bolas de borracha. 40 bolas de tênis. 30 arcos.</p>	<p>Diálogo com os alunos para verificar se compreenderam os diferentes tipos de arremessos utilizados na bocha. Diálogo com os alunos para verificar se compreenderam as regras do jogo.</p> <p>Diálogo com os alunos para verificar quais foram as estratégias utilizadas para realização das tarefas.</p>

Arremesso no alvo afastando a bola do adversário: seguindo a mesma formação anterior, os alunos deverão atuar como se o colega fosse um adversário de jogo. Eles deverão arremessar a bola tentando aproximar a bola (bocha) do bolim e afastá-la do colega do bolim. Nesse momento serão apresentadas e explicadas as formas de arremesso: point (arremesso que tem a intenção de se aproximar o mais perto possível do bolim); portée (arremesso no ar, formando um arco parabólico, com o mesmo objetivo da bocha point); e tir (arremesso em arco parabólico, com o objetivo de deslocar outra bocha – da própria equipe ou do adversário). Variação: aumentar a distância do alvo ao aluno; misturar os grupos; trocar a bola de tênis por uma bola de borracha; alterar a ordem de lançamento entre o grupo.

Jogo da bocha – minicanchas: a quadra será dividida em inúmeras miniquadras de bocha (canchas). O professor deverá demarcar nas canchas as áreas de jogo (as linhas de uma cancha). Nessa atividade os alunos serão divididos em trios, sendo que cada trio receberá seis bolas (bochas) de borracha (duas bolas por jogador). Em cada minicancha serão colocadas duas equipes, que disputarão entre si uma partida de bocha. Para cada minicancha será colocada uma bola de tênis como bolim. Para iniciar o jogo, os representantes de cada equipe tirarão par ou ímpar para decidir quem iniciará arremessando o bolim.

		<p>A equipe que vencer iniciará lançando o bolim e arremessando a primeira bocha. Para que o lançamento do bolim seja válido, o jogador deverá conseguir lançá-lo na área demarcada como válida, que se encontra no fundo da cancha. Após a validade do bolim, as equipes iniciam a partida com arremessos alternados entre as equipes. Serão utilizadas as regras adaptadas da bocha, ou seja, ao invés de separarmos os alunos para jogos em dupla, os seis jogadores arremessarão a bocha na rodada, de forma sequencial e alternada (um por vez, alternando entre as equipes). A meta é tentar fazer as bochas da equipe chegarem o mais perto do bolim, ao mesmo tempo que tentam afastar as bochas dos adversários. A equipe que tiver mais bolas (bochas) próximas do bolim ganham um ponto por bola mais próxima. O jogo segue até que uma das equipes conquiste, primeiro, doze pontos. Iniciar com o arremesso da bocha rasteira (podendo tocar no meio da cancha). Variação: inserir a regra do lançamento aéreo (a bola não pode tocar o meio da cancha).</p> <p>3. Parte final: diálogo e reflexão sobre o conteúdo vivenciado no dia.</p>		
--	--	---	--	--

**Referências:**

STIGGER, M. P.; SILVEIRA, R. A prática da "bocha" na Soeral: entre o jogo e o esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 37-53, 2004.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOCHA – CBBB. **Regras**. [s.d.] <https://www.cbbb.net.br/bocha/>. Acesso em: 12 fev. 2019.

**Fonte: adaptado de Sttiger e Silveira (2004);  
Confederação Brasileira de Bocha – CBB (s.d.).**

**Quadro 3 - Plano 3**

<b>Disciplina: educação física</b>	<b>Objeto de conheci- mento: esportes de marca</b>	<b>50 min</b>	<b>Turma: 6º ano</b>	<b>Data: xx/xx/2019</b>
<b>Objetivos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Sequência didática</b>	<b>Material</b>	<b>12/09 – 19/09 45 minutos</b>
<p>1. Introdução aos esportes de invasão.</p> <p>2. Experimentar uma das modalidades presentes nos esportes de invasão: Ultimate Frisbee.</p> <p>3. Proporcionar o conhecimento das regras básicas do Ultimate Frisbee.</p> <p>4. Vivenciar jogos que utilizem o Ultimate Frisbee.</p>	<p>- Ultimate Frisbee: Regras básicas. Aprendizagem de habilidades motoras básicas do esporte – lançamento, recepção do disco e ocupação do espaço.</p>	<p>1. Parte inicial: Conhecendo o frisbee: cada aluno receberá um frisbee para lançamento. Os alunos deverão lançar o objeto como quiserem, objetivando experimentar o lançamento e observando a trajetória do disco. Variação: lançar com a mão dominante e com a mão não dominante; lançar de lado; lançar de costas etc. Obs.: organizar os alunos de um lado da quadra e pedir para lançarem para o outro lado, assim evitarão acidentes com o disco. Depois que todos lançarem, todos podem recolher o frisbee e continuar a atividade.</p> <p>2. Parte principal: Conhecendo o alvo: os alunos deverão lançar o frisbee com o objetivo de alcançar um alvo à frente, demarcado no chão (círculo desenhado de giz). Variações: aumentar a distância do alvo; colocar outro tipo de alvo (cone); trocar o alvo de lugar, estimulando o lançamento em diferentes direções.</p>	<p>Caixa de giz, 20 cones, coletes para identificação das equipes, 40 frisbees.</p>	<p>Diálogo com os alunos para verificar se compreenderam os diferentes tipos de lançamentos e recepções utilizados no Ultimate frisbee.</p> <p>Diálogo com os alunos sobre as estratégias utilizadas para ocupação do espaço.</p> <p>Diálogo sobre as regras básicas, para verificar o entendimento, por parte dos alunos, das regras.</p>

		<p>Passo o frisbee: os alunos serão divididos em três grandes grupos; cada grupo terá um espaço de prática, pois a quadra será dividida em três miniquadras para realização da atividade. Dentro de cada miniquadra os alunos serão divididos em dois grupos, sendo que cada grupo deverá fazer duas colunas (com os alunos bem espaçados uns dos outros). A brincadeira começa quando o último aluno de cada coluna pegar o frisbee e lançar para o colega da frente, assim sucessivamente até chegar ao primeiro. Assim que o frisbee chegar ao primeiro da coluna, o mesmo deve se deslocar ao final da fila e começar a tarefa novamente. Essa dinâmica se repete com todos da equipe. Vale ressaltar que, caso os alunos deixem o disco cair no meio do percurso, devem retornar o frisbee ao último integrante da fila e recomeçar os passes. A atividade termina quando todos os alunos das duas equipes tiverem realizado a atividade. Obs.: caso esteja muito fácil passar o frisbee entre os colegas, a distância entre os integrantes da equipe poderá aumentar. Variação: jogar só com a mão dominante; jogar só com a mão não dominante; receber com duas mãos; receber com uma mão.</p>		
		<p>Frisbee bobinho: essa atividade terá a mesma divisão de grupos da atividade anterior. Entretanto, em cada quadra os alunos formarão uma única equipe. Em cada equipe será escolhido um aluno, que atuará no papel de "bobinho". O objetivo da brincadeira é passar o frisbee entre os colegas de grupo sem deixar o "bobinho" pegá-lo.</p>		

Caso o frisbee seja pego pelo "bobinho", o aluno que perdeu o frisbee deve se tornar, também, "bobinho". O jogo termina quando só restar um jogador com o frisbee. Variação: determinar o tempo de posse do frisbee (ex.: 10 s., 5 s., 3 s.); jogar só com a mão dominante; jogar só com a mão não dominante; receber com duas mãos; receber com uma mão.

Frisbee 2x2: os alunos serão divididos em duplas. As duplas jogarão entre si em miniquadras (dividir a quadra em uma quantidade suficiente para atender o número de alunos existentes na aula), mas na formação 2x1. Dessa forma, ocorrerá o jogo propriamente dito, mas com uma adaptação para manter superioridade numérica de uma das equipes. A equipe que está com o frisbee terá os dois jogadores em quadra, e a equipe sem o frisbee apenas um jogador (vantagem numérica de ataque). Ocorre o jogo normalmente e, quando o jogador em inferioridade numérica recuperar o frisbee, seu companheiro entra em quadra, e um dos jogadores da outra equipe deverá sair de quadra. O objetivo é levar o frisbee até o endzone da outra equipe. Marca o ponto quando a equipe alcançar o endzone de posse do frisbee. Variação: agora as equipes jogarão em igualdade numérica (2x2).



3. Parte final: diálogo e reflexão sobre o conteúdo vivenciado.

**Fonte: adaptado de GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2017a; FEDERAÇÃO PAULISTA DE DISCO**

**Quadro 4 - Plano 4**

<b>Disciplina: educação física</b>	<b>Objeto de conhecimento: esportes de marca</b>	<b>50 min</b>	<b>Turma: 6º ano</b>	<b>Data: xx/xx/2019</b>
<b>Objetivos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Sequência didática</b>	<b>Material</b>	<b>12/09 – 19/09 45 minutos</b>
<p>1. Aprender os diferentes tipos de saltos existentes na ginástica artística (GA).</p> <p>2. Vivenciar os diferentes tipos de saltos.</p> <p>3. Construir a mecânica básica dos saltos grupado, estendido e afastado.</p> <p>4. Compreender a utilização dos saltos dentro da modalidade.</p>	<p>– Saltos da GA: grupado, estendido, afastado, giratório.</p>	<p>1. Parte inicial: Vivo ou morto adaptado: começando com o vivo ou morto tradicional. No decorrer da brincadeira, deve-se colocar alguns elementos da GA, utilizando-se para isso de algumas palavras-chave. Ex.: quando o professor falar “pipoca”, os alunos deverão realizar o salto estendido. Quando o professor falar “tesoura”, os alunos realizarão o salto afastado. Quando o professor falar “panela de pressão”, os alunos realizarão o salto giratório.</p> <p>2. Parte principal: Dança dos Cones: o professor espalhará pela quadra vários cones (minicones), e os alunos andarão pela quadra. Ao sinal do professor, todos devem saltar um dos cones. Assim que o aluno saltar, ele deverá segurar o cone para que outros colegas não possam utilizar aquele cone para saltar. A cada rodada o professor retirará um cone da quadra.</p>	<p>40 cones pequenos, 12 cordas grandes, caixa de giz.</p>	<p>Diálogo com os alunos para verificar se compreenderam os saltos da GA trabalhados em aula.</p> <p>Diálogo com os alunos sobre as estratégias utilizadas para tentarem vencer as brincadeiras.</p>

O aluno que não conseguir saltar o cone deverá realizar uma estrela ou rolamento da ginástica (aprendidos na aula anterior). A atividade segue até que tenha apenas um cone na quadra. Os alunos iniciarão com o salto grupado. Variações: inserir o salto estendido; inserir o salto afastado; inserir o salto giratório.

Pular corda: os alunos formarão grupos, e cada grupo terá uma corda. Nessa atividade, os alunos deverão pular corda, sendo que durante o saltar, eles deverão apresentar os saltos básicos da ginástica (grupado, estendido, afastado e giratório). Os alunos revezarão entre batedores de corda e saltadores.

Semáforo dos pulinhos: os alunos serão separados em grupos de cinco. Cada grupo terá desenhado à frente dez círculos (desenhar com giz). Os alunos deverão saltar entre os círculos ao comando do professor. Entretanto, para isso, o professor utilizará os comandos análogos ao semáforo: verde, amarelo e vermelho. A tarefa deve ser realizada da seguinte maneira: quando o professor falar "verde" um aluno do grupo deve iniciar a atividade saltando rapidamente entre os círculos. Caso escutem "amarelo", os alunos devem diminuir a velocidade dos saltos. Caso escutem "vermelho", os alunos devem parar de saltar. Quando o aluno chegar ao final da fileira de círculos, outro colega da equipe inicia a atividade. Durante o percurso de todos os alunos, o professor utilizará os comandos: verde, vermelho e amarelo.

		<p>Durante o percurso de todos os alunos, o professor utilizará os comandos: verde, vermelho e amarelo. Vence a equipe que chegar primeiro, com todos os integrantes, do outro lado da fileira de círculos. Os alunos iniciarão com o salto grupado. Variações: inserir o salto estendido; inserir o salto afastado; inserir o salto giratório; deixar livre o tipo de salto.</p> <p>Corrida "pula sela": utilizando a mesma divisão da atividade anterior, os grupos disputarão a corrida "pulando sela". A corrida funcionará da seguinte forma: os participantes saltarão uns sobre os outros, apoiando a mão nas costas dos companheiros agachados, ou seja, "selando" as costas do amigo. Será demarcada uma área de corrida, a qual deverá ser percorrida por todas as equipes (de um lado da quadra até o outro lado, por exemplo). Os alunos que estão na "sela" devem estar agachados (mãos apoiadas no joelho, em forma de sela), com uma distância de 2m entre eles. Quem está no final da fila começará saltando sobre as costas de cada colega de equipe, até passar por toda a fila, ao sinal do professor.</p>		
--	--	---	--	--

		<p>Ao pular o último participante, o primeiro saltador também colocará as mãos no joelho e depois dará um sinal para que o próximo colega inicie a tarefa, e assim sucessivamente, até a equipe completar o percurso.</p> <p>Vence a equipe que completar primeiro o percurso com todos os integrantes passando a linha final.</p> <p>Utilizar o salto afastado.</p> <p>3. Parte final: reunir os alunos para um diálogo sobre o que foi trabalhado em aula.</p>		
--	--	--	--	--

**Fonte: adaptado de GONZÁLEZ; DARIDO; OLIVEIRA, 2017b; NUNOMURA, TSUKANMOTO, 2009**

## Considerações finais

Diante do exposto, pode-se tecer que o presente subprojeto foi desenvolvido com a finalidade de construir o perfil do egresso de forma a instrumentalizar os bolsistas para que fossem capazes de analisar, selecionar e sistematizar os diferentes conteúdos da cultura corporal de movimento, tendo em vista a adequação às diferentes características dos estudantes como: perfil sociocultural, desenvolvimento motor, psicológico e cognitivo, aspectos e fenômenos sociais (DARIDO; RANGEL, 2005; FERREIRA, 2009; SILVEIRA, 2017; TERTULIANO; RODRIGUES JÚNIOR; MARTINS, 2019; TERTULIANO; VENDITTI JR.; OLIVEIRA, 2017), mas respeitando os documentos oficiais propostos pelo currículo paulista.

Com olhares para os dezoito meses de projeto, pôde-se observar uma considerável melhoria qualitativa no desenvolvimento profissional, humano e cristão dos bolsistas. No início, os bolsistas apresentavam muita dificuldade em desenvolver propostas de ensino-aprendizagem, o que era esperado, pois estávamos atuando com alunos de semestres iniciais do curso de licenciatura em Educação Física. Por isso, os primeiros seis meses de projeto foram utilizados para ambientação dos bolsistas junto à escola e aumento da bagagem cultural e técnica.

O aumento da bagagem cultural e técnica se deu com o uso das reuniões para leitura e diálogos sobre os conteúdos que seriam a base para construção dos planos

de aula. Além dessas reuniões do grupo, os alunos também participaram de reuniões com outros bolsistas, de outros subprojetos da IES, contribuindo, assim, com a bagagem cultural. Essas reuniões foram importantes, pois no decorrer do projeto observou-se melhora na produção de planos de aula pelos bolsistas.

Por fim, consideramos que o subprojeto de Educação Física teve impacto qualitativo na vida acadêmica dos bolsistas, contribuindo para que eles pudessem adquirir competências e habilidades requeridas pelas diretrizes curriculares nacionais para o egresso de licenciatura em Educação Física. Além disso, os bolsistas construíram relacionamentos profissionais e adquiriram conhecimentos e habilidades de elaboração de planos de aula, bem como de regência e relacionamento interpessoal, alcançando, assim, os objetivos assumidos pelo subprojeto.

## Referências

BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 13, n. 2, p. 282–287, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a base. Brasília, DF: MEC; CONSED; UNDIME, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/319QjsE>. Acesso em: 03 out. 2022.

CAMPOS, L. A. S. **Didática da Educação Física**. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2011.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BOCHA - CBBB. **Regras**. Disponível em: <https://bit.ly/3RxM9P9>. Acesso em: 03 out. 2022.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DIETRICH, K.; DÜRRWÄCHTER, G.; SCHALLETI, H. J. **Os grandes jogos**: metodologia e prática. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE DISCO. **Regras Oficiais**. Disponível em: <https://bit.ly/3E84IGK>. Acesso em 03 out. 2022.

FELÍCIO, H. M. S. O Pibid como “terceiro espaço” de formação inicial de professores. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 42, p. 415-434, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3M0bNuX>. Acesso em: 03 out. 2022.

FERREIRA, H. B.; GALATTI, L.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do basquetebol. *In*: BALBINO, H. F.; PAES, R. R. (Ed.). **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FERREIRA, N. S. C. **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

GALATTI, L. R.; SERRANO, P.; SEOANE, A. M.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte e basquetebol: aspectos metodológicos para o desenvolvimento motor e técnico do atleta em formação. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 79-93, 2012.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. **Esportes de invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol e ultimate frisbee**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. **Ginástica, dança e atividades circenses**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017.

GRECO, P. J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. *In*: GARCIA, E. S.; MOREIRA, K. L. (Ed.). **Temas Atuais IV**. Belo Horizonte: Health, 2001.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

MATTHIESEN, S. Q. Atletismo. *In*: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Org.). **Esportes de marca e com rede divisória ou muro/parede de rebote**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2017.

MATTHIESEN, S. Q. **Atletismo se aprende na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2009.

NASCIMENTO, T. A. Fundamentos teórico e metodológicos: um relato de experiência na educação física escolar. *In*: SCHUNEMANN, H. E. S.; QUADROS, S. C. O. (Ed.). **Introdução à docência: compartilhando experiências**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2017.

NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, N. H. C. **Fundamentos das Ginásticas**. Jundiaí: Editora Fontoura, 2009.

PIMENTA, S. G. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

SILVEIRA, S. R. Esporte Escolar: perspectivas de produção do Esporte da Escola. *In*: MACHADO, A. A.; TERTULIANO, I. W. (Ed.). **Educação Física e Esportes: novos caminhos**. São Paulo: Alexa Cultural, 2017.

STIGGER, M. P.; SILVEIRA, R. A prática da “bocha” na Soeral: entre o jogo e o esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 37-53, 2004.

TERTULIANO, I. W.; RODRIGUES JÚNIOR, J. C.; MARTINS, L. T. Conteúdos da cultura corporal que orientam o currículo da Educação Física Escolar: olhares para os PCNs e para BNCC. *In*: ARONI, A. L.; FERNANDES, A.; FERREIRA, F. M.; BORTOLAI, L. H. (Ed.). **Pensando a Educação na atualidade: olhares múltiplos**. Itapetininga: Edições Hipóteses, 2019.

TERTULIANO, I. W.; VENDITTI JR., R.; OLIVEIRA, V. Educação Física, diversidade humana e inclusão escolar: olhares sociais e psicológicos para a pessoa com deficiência. *In*: ROLIM, R. M.; BATISTA, E. D.; SILVA, G. H. G. (Ed.). **Psicologia do Esporte: perspectivas de atuação na escola**. São Paulo: Alexa Cultural, 2017.